

Anno VII

Rio de Janeiro 22 de Junho de 1901

ESTAMPA ILACIONAL

Nº 127

DON QUIXOTE

de Angelo Agostini.

Largo da Carioca nº 4 (Sobrado)



Bombeiros afugentando com agua, os curiosos que se aproximavam dos bonds
da S. Cristovão no largo de S. Francisco.
Os nossos agradecimentos ao Corpo dos bombeiros; Antes uma boa molhadela, do que sangue.
ou morte..

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1901

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOPA N. 4

SOBRADO

—:(—

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre 14\$000	Semestre 16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000	

CHRONICA

Semana cambiante, contradictoria e nervosa como uma mulher bonita ; semana de variações e accessos da natureza que se estremece, e palpita, na crise de transformação, passando sem transições, aos saltos, do verão ao inverno, em dias extenuantes de alternativas de verão e frio, em que o corpo, exaltado pelo ardor do sol implacável, freme e se irrita ao sopro de humidade doentia.

Semana irrequieta, dias sombrios com raios de sol flammejantes a irromper de quando em quando como um grito de ave selvagem na calma da ramaria, noites arquejantes sob um manto de estrelas pallidas, docemente luminosas, que tremem tambem inquietas no espaço cinzento ; dias que riem, no gargalhar doudejante de Phebo, radioso, para se envolver depois numa tristeza plumbea, e gargalhar de novo, por momentos, numa orgia de luz.

Que pensar, como sonhar num tempo assim, em que o espirito não tem pouso, não sente uma impressão tranquilla e constante, onde um aspecto mal nos penetra a alma para se desmentir logo, destruindo uma suggestão para nos dar outra que, logo desaparece.

O espirito se cança e se deslumbra sem impressões que fiquem, com os olhos, a se fatigar sem fallar a memoria no perpassar continuo e veloz de um cinematographo disparatado.

Não odeio o tempo e a natureza assim amo-a como se ama a mulher nervosa e irrequieta, que toma a um tempo aspectos multiplos e caracteres diversos, como se ama as irritações e os assomos de um ente adorado, sem comprehendel-os, sem ex-

plicá-los, aceitando-os, porque são todos bellos, todos nos são caros.

Mas a alma deslira estonteada, às impressões contrarias e constantes. Não se tem um momento de calma, de recolhimento.

O pensamento e a palavra varia com a impressão, mal uma suggestão dos invade a alma e já a idéa está em desacordo com a visão e já sentimos algo diferente, o tempo já chora e a tristeza, das nuvens, da chuva prestes a cahir, do frio que passa, gelido, cortante, nos abate todo o sangue, incendiado ha pouco.

Na crise das estações a natureza deslira ; nós divagamos com o espirito á mercê das visões, como o barco á mercê dos ventos.

GATINHO.

Agua

Aproxima-se julho com elle o inverno e as liquidações e os incendios.

Ninguem se escandalise ; nós não queremos fazer insinuações nem accusações. Consegnamos um facto muito conhecido.

Em Junho e Janeiro o incendio toma na capital fluminense caracter epidemico, que, não sabemos porque, não provoca quarentena na vigilante Buenos Ayres. Será coincidencia talvez mas o caso é que, os pobres bombeiros não tem descanso nesses mezes fatídicos e o fogo vai reduzindo a cinza as casas commerciaes.

Mas o mais curioso não é essa circunstancia que tanto pôde se dar aqui como em qualquer outra cidade do mundo ; o que tem carácter essencialmente nacional é o facto dos incendios fazerem essas liquidações por falta de liquido.

Ha um incendio, apparece o corpo de Bombeiros, supimpa e heroico mas o que não apparece á agua, que só vem como os carabineiros fóra de tempo quando já o mal está consumado.

Ora bombeiro sua agua é corpo sem alma e as autoridades que se mantem na moita sem dizer agua vai, eternisam o processo dos autos da fé liquidadores e tornam perfeitamente inutil e ridiculo o Corpo de Bombeiros, que fica sendo cousa absolutamente decorativa, para inglez ver — assim uma especie de curiosidade nacional.

Essas vergonhas complicadas com as queixas diarias de pessoas que estão aqui no centro da cidade a fazer de cearencies

honorarios, fizeram com que o deputado Paula Ramos apresentasse na Camara dos Deputados, quarta feira, o seguinte requerimento :

« Requeiro que sejam solicitados do ministro da fazenda por intermedio da mesa da camara, as seguintes informações:

- 1.º Qual a renda proveniente do consumo de agua, nesta capital, arrecadada durante o quinquenio ultimo (1896 a 1900) descriminadamente por exercicio ;
- 2.º Qual a despeza, no mesmo quinquenio, com o serviço de abastecimento de agua, tambem descriminadamente por exercicio. »

Nós que não somos governo e, sahindo do terreno dos gastos, temos as seguintes informações a dar sobre a agua de que dispõe para todo o consumo a nossa bella e heroica cidade :

O consumo da agua na cidade do Rio de Janeiro :

1860 era de	8.020.000	litros
1880 > >	31.816.000	>
1889 > >	139.525.000	>

Se a quantidade d'agua é hoje quatro vezas maior do que ha 20 annos, o distribuição tambem abrange muito maior zona, pois não só alimenta a cidade como tambem todo os suburbios e até fóra dos suburbios.

O fornecimento por pessoa é de 160 litros diariamente segundo os calculos fornecidos pelas obras publicas.

Nas principaes cidades da Europa e da America o fornecimento por dia é por habitantes o seguinte :

Rome.....	1.000	litros
New-York.....	1.000	>
Marseille.....	1.000	>
Washington.....	700	>
Napoles.....	370	>
Paris.....	300	>
Philadelphia	357	>
Londres.....	175	>
Vienna.....	200	>
Rio de Janeiro.....	150	>
Buenos-Ayres.....	100	>

Por esse quadro se vê que o Rio de Janeiro está em penultimo lugar entre as principaes cidades do mundo mas afinal 160 litros diarios já é alguma cousa superior a miseria e, mesmo antes de reformar o serviço augmentando distribuições, é possivel melhoral-a e obter resultados praticos e urgentes, organisando depositos especiaes para incendios e tomando mais rapidas as providencias em caso de sinistro.

DON QUIXOTE

O Corpo de Bombeiros com o qual se tem feito inteligente e justamente tantas despezas para tornal-o um dos melhores do mundo, bem merece mais essa providencia.

De outro modo fica transformado em preciosidade platonica, luxo inutil para gaudio do patriotismo oco.

Nesse caso fique elle sendo exclusivamente ornamento da urbs para ser admirado pelos estrangeiros a par com *naturaleza*.

Se assim é, porque não recolhel-o ao Museu?

A SEMANA PELO TELEGRAPHO

Cada dia a leitura dos telegrammas mais e mais entristece os espiritos sensiveis que se interessam social e universalmente pelo progresso social e a felicidade das nações.

Por toda a parte a politica degenera em politicagem e os rares bem intencionados são perturbados em seu labor e sonhos sagrados pelos desmandos dos imbecis explorados por ambiciosos e desatinados. Por toda a parte a ganancia, o arrivismo, as ambições pessoaes vão esmagando e transtornando as ideias grandiosas destruindo ou retardando a obra meritaria dos poucos que tem patriotismo e espirito humanitario bastante heroico para lutar ainda.

Eis as notas ligeiras da semana.

Em Birmingham foi pronunciado por lord Salisbury notavel discurso, que constitue uma especie de contra-golpe à eloquencia dispendida ha poucos dias na mesma cidade pelo irritadiço e tristemente celebre Sr. Chamberlain.

A diversidade nas palavras e nas ideias expendidas nos douos discursos é notável. Os oradores têm tendencias de espirito, forma de linguagem, gostos, amizades, educação, concepção de governo e até concepção da vida inteiramente opostas; foi necessario os acasos da politica, ironica as vezes nos seus caprichos, para unil-os num mesmo gabinete.

Lord Salisbury reconhece os desastres da Inglaterra, com franqueza e dignidade admiravel e só evita o mão effeito appellando para o lado heroico de aventura — a pertinacia e dedicação com que o povo inglez tem resistido a terrivel provação.

Em França o Sr. Waldeck Rousseau está sentindo os mäos resultados das restricções da ultima amnistia. O triste negocio de conspirações, que provocou a organisação da *Haute Cour*, estava já quasi esquecido, ficando apenas a victoria do gabinete, que desmascarou as machinações e punio-as devidamente. Agora era necessário evitar novas questões d'esse genero, convinha continuar esse periodo de paz e calma.

Um dos irrequietos conspiradores, o conde de Lur-Saluce, aborrecido com o ostracismo em que vejetava no exilio, e naturalmente incommodado com o silencio que se fizera sobre o seu nome, voltou á Paris, para ser processado de novo.

E como o governo procura esquecel-o a elle fez escandalo, gritou; quer ser processado, quer ser popular, que se falle d'elle.

Cá pela America, não fallando das desagradaveis discussões com que tentam impedir a realisação do congresso do Mexico e de que tratamos no ultimo numero, apenas ha a consignar os commentarios da imprensa argentina a propósito da ida do nosso cruzador *Almirante Barroso* em viagem de cortezia ao Chile.

Entendem que o momento não é bem escolhido.

Ah, sim?

Ora vejam e o Dr. Campos Salles que se esqueceu de os consultar!...

AERO-CABO.

PELOS JORNAES

Para variar, quasi todos os jornaes fazem campanha entre a policia.

Isso é costume antigo. A oposiçao, a policia civil ou militar é uma instituição essencialmente jornalistica nessa nossa bella terra.

E assim vai, como o uso do cachimbo faz a bocca torta, o noticiario da imprensa em geral é enriquecido diariamente por umas locaes severas, cheias de adjetivos ferozes e titulos suggestivos em os nossos delegados, com rasas exceções são chamados uma porção de cousas mais ou menos desagradaveis.

O cabeça de turco é o da 3^a, Sr. Vicente Reis, homem destinado a popula-

ridades barulhentas cujo nome passou do cartaz para as noticias de abusos, deixando de receber censuras acre-doces dos chronistas theatraes para ouvir desaforo grosso, dos noticiaristas policiais.

*

O que é a força do destino.

Outro já callejado pela verve aggressiva dos reportes é o major Suckow, que não tem lá boa *poule* na cotação da Villa Isabel.

*

A nossa rosea collega da tarde *A Noticia*, num engano fatal assassinou um estrangeiro illustre; um telegramma errado feito dar por morto o conhecido bacteriologista professor Camillo Terni, que felizmente goza ainda a esta hora de florescente saude.

Quem morreu foi um deputado na cidade de Terni.

Do facto não provieram mais graves consequencias.

A nossa collega, usando do mesmo poder sublime de alavanca do progresso (ó manes de Calino!) apenas deu pelo engano, ressuscitou a victimá e ficou assim evitada uma reclamação diplomática com a competente indemnisação que nesses casos faz de esponja do esquecimento.

*

O Dia foi chamado a palmatoria por uma abelha, por ter traduzido num telegramma de Paris, a palavra *arrondissement* por arrendamento.

Não viu os outros jornaes, formosa abelha, que tens nos olhos todo fulgor divino das plagas do Ceará?

Traduziram a mesma palavra por arredondamento. Esta tambem não é má, verdade seja que os collegas a publicaram por conta da Havas.

Cá e lá más fadas... havas.

*

A propósito da ideia de uma sessão de stenographia nos tribunaes, incluido o Supremo Dito Federal, diz o *Pangross*:

Em relação aos tribunaes, parece inutil esse serviço. O que importa não é a opiniao que cada juiz forme sobre a matéria sujeita à sua deliberação, na occasião dos debates; não são as peripécias desse debate: é apenas a sentença final e, quando muito, são os votos vencidos.

Ora, actualmente, lavrado o accordão, o presidente do tribunal redige-lhe a ementa; e ementa, corpo da sentença e votos vencidos, com as respectivas declarações que os fundamentam, são publicados no *Diario Official*.

O ZÉ CAIPORA (De Angelo Agostini)

CAPITULO III

Onde Zé reconhece que nem sempre os cachorros são amigos do homem



Chuviscava; Zé receia constipar-se, apanha um chapéu que os carnavalescos abandonaram por ocasião do sarilho.

Por várias vezes tenta sair do esconderijo.



O medo, porém, de ser descoberto pela polícia, fal-o reentrar, de novo. Zé lastimava a sua sorte de ter-se transformado em kagado, quando de repente aparece um cachorro a espiá-lo.



Incomodado com tal visita, Zé arma-se de coragem e enxota o cão com uma máscara e um bastão que apanha a toda pressa.



Porém o latir do cão não tardou a juntar uns poucos d'elles. Diante de tamanha cachorrada, Zé encolhe-se no bombo, procurando, todavia, defender o seu nariz seriamente ameaçado.



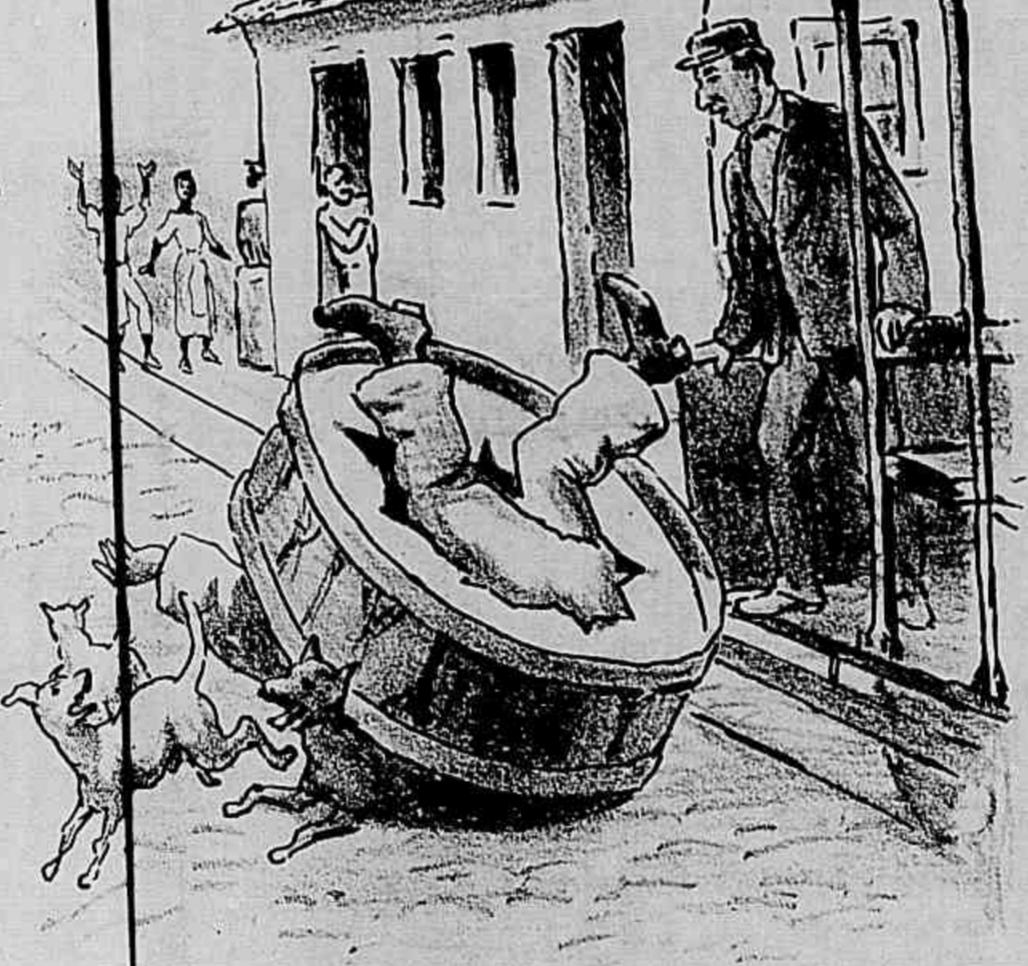
Afinal, perdendo a paciencia, Zé levanta-se terrivel e ameaçador! Os cachorros recuam, mas não se retiram, e um alarido de todos os diabos enche os ares.



Receando que o ladrar de tantos cães riesse a chamar a atenção de algum urbano, Zé resolve retirar-se, collocando a máscara para não ser conhecido e conservando o bombo, como escudo protector de suas canellas.



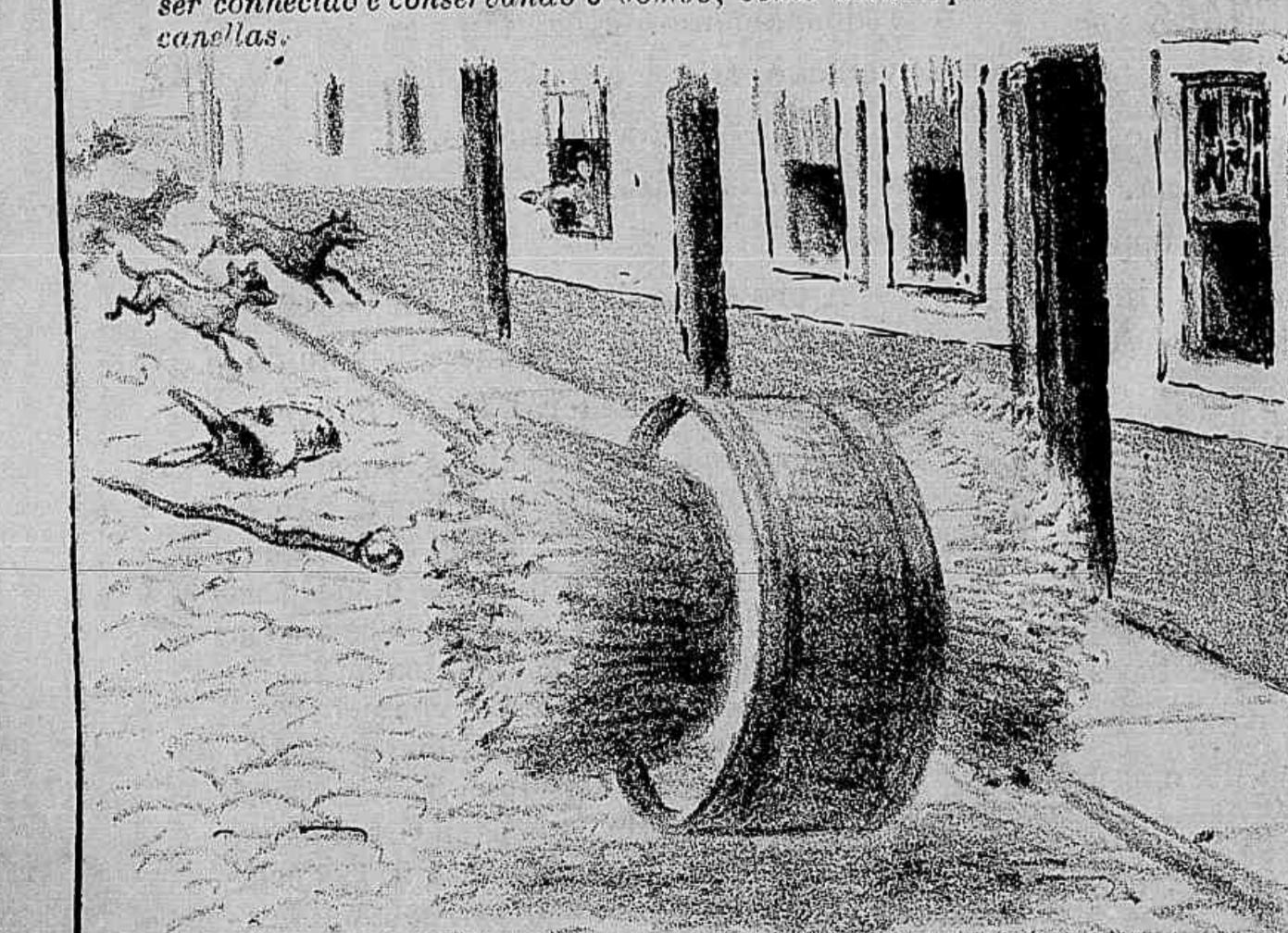
Vendo passar um bond, tenta entrar nesse para licrar-se da maldita matilha,



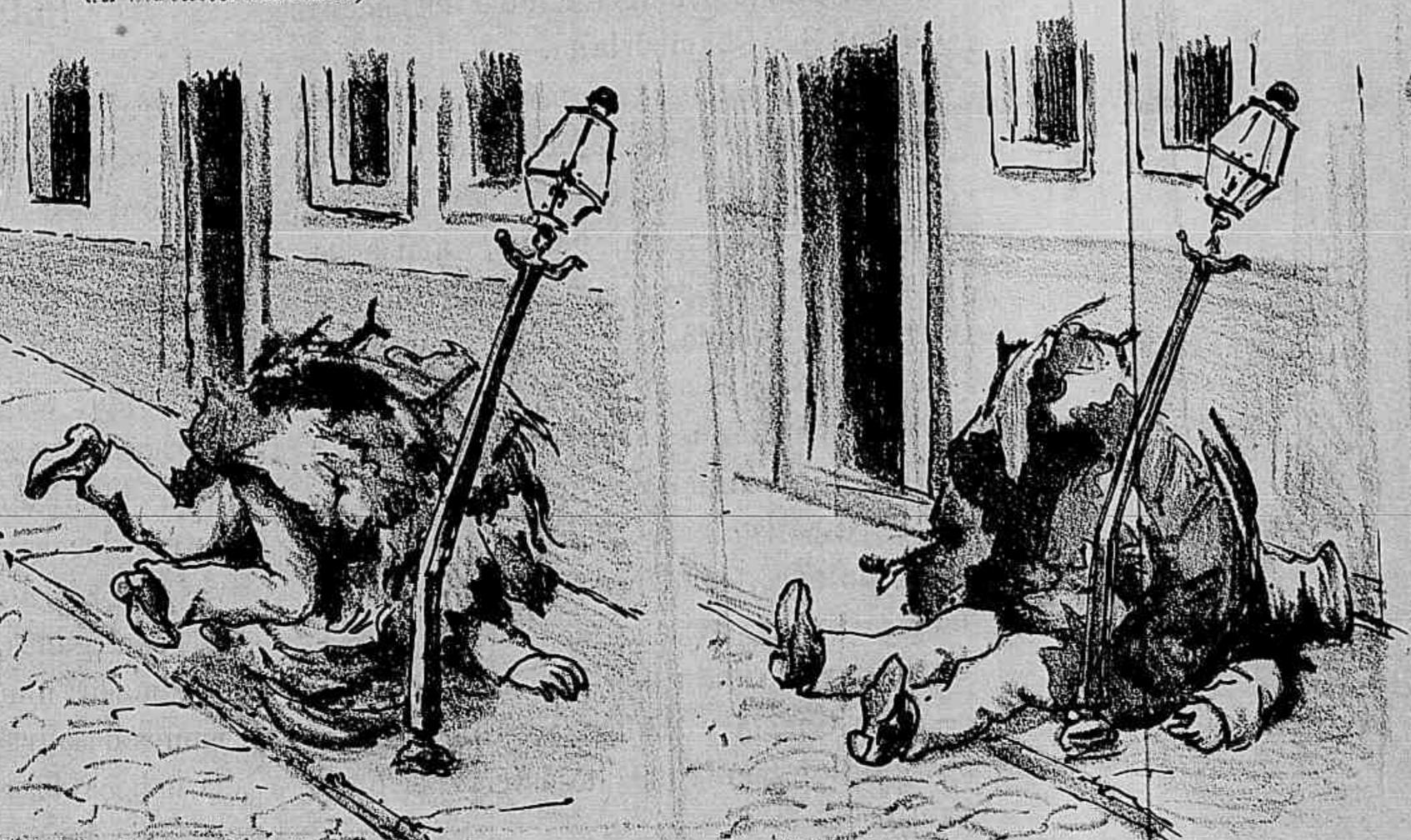
mas só consegue levar um tremendo trambolhão!



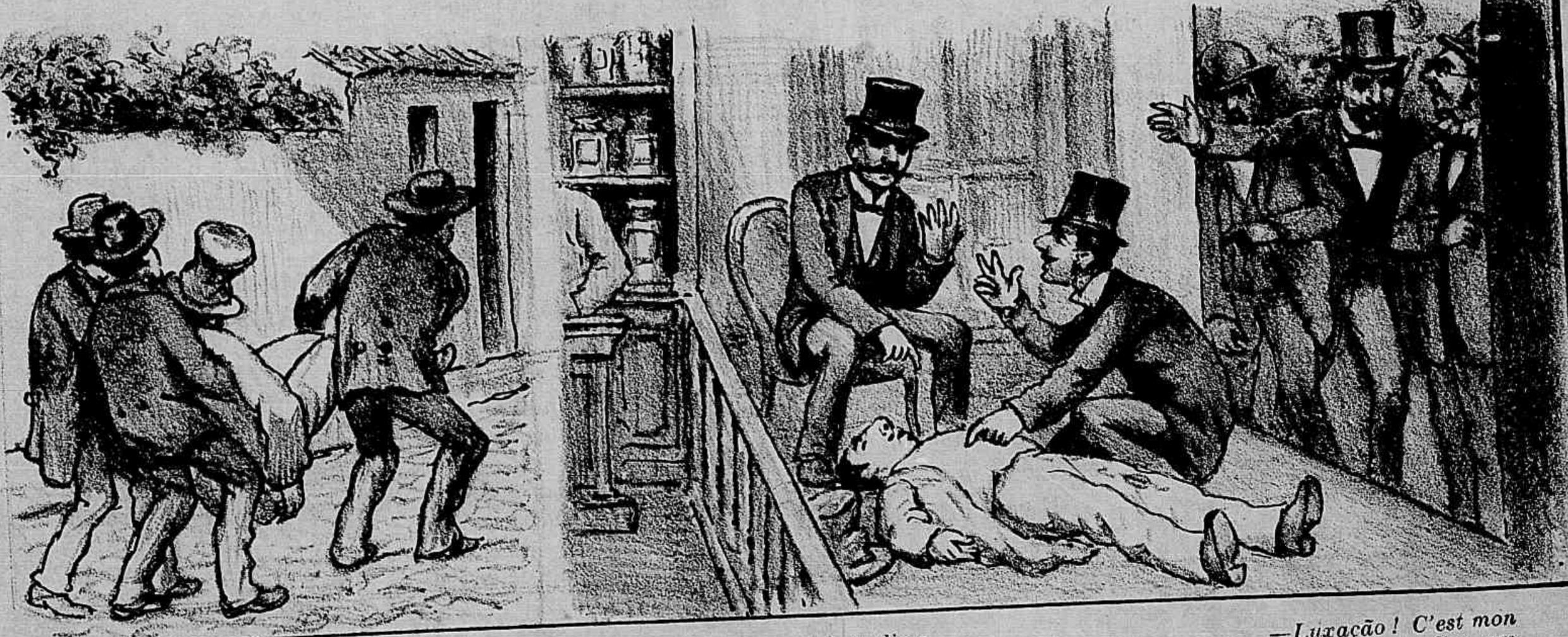
Desesperado, deita outra vez a correr, sempre seguido dos malditos cachorros.



Zé caihira do alto de uma ladeira muito comprida, e em poucos minutos o bombo rolava com tanta velocidade, que os cachorros ficaram a perder de vista.



A catastrophe não tardou. Indo de encontro a um lampião, o bombo fez-se em pedaços!



E o pobre Zé Caipora estendeu e sem sentidos ficou no meio da calçada!

Umas almas caridosa que iam passando, o carregaram para uma botica, para se lhe prestarem os primeiros socorros.

Apresentaram-se dois medicos.
— Tem quatro costelas quebradas e a espinha dors...
— O collega está enganado, são duas costelas quebradas e uma luxação da perna...

— Luxação! C'est mon affaire, disse de fôra um individuo que procurava entrar. Era o Dr. Fort.

Parece que isso basta para se conhecer a jurisprudencia creada pelo Tribunal; e si alguma cousa de pratico se poderia fazer, era a collecção dessas sentenças e sua publicação annual, em volume.

Gravar o orçamento com a verba de 150:000\$ annuaes para a stenographia dos debates, que, em caso algum, primariam sobre as sentenças, que são a resolução do tribunal, parece que é mera vontade de deitar dinheiro fóra.

E não lhes parece? Nem tão grande importancia tem em geral os longos e insignificantes debates costumeiros.

N'um tempo em que o corte está na ordem do dia!...

Livro da Porta

Recebemos:

A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura n. 36 do anno IV e um do anno V.

A Universal n. 6.

Capital Paulista n. 23 correspondente ao mez de junho.

O Condor n. 6, (1º da nova phase.)

Garatujas

Santo Antonio foi festejado, conforme os costumes immemoriaes com bombas, foguetes e balões mais ou menos dirigíveis... pelo vento.

Nunca consegui bem perceber a causa destes festejos pyrotechnicos a um santo de Padua e de Lisboa. Inda se o festejasse com batatinhas e queijadas entendisse, mas a fogo.

Os nossos maiores já assim o faziam e lá alguma razão haviam de ter. Nós chegamos, encontramos o habito já velho e continuam-lo respeitosamente.

Confesso não conhecer bem a historia do santo frade, mas pelo que nos consta nada ha em sua vida, que justifique este barulhento e luminoso caracter de seu culto.

As fogueiras podem ser reminiscencias de autos de fé antigos, mas as pistolas e as bichas.

D'ahi Santo Antonio é o protector dos casamentos e quasi sempre esta sagrada instituição provem de brincadeiras com fogo.

Só se nas festas populares o fogo é symbolico.

Ha de ser isso.

*

Sem que algum facto escandaloso ou algum uso reconhecido viesse preparar os espiritos, appareceu a noticia da demissão do director do trafego da estrada de ferro central do Brazil.

Trata-se do Dr. Marciano de Aguiar Moreira, funcionario zeloso e que à estrada deu relevantes serviços na administração de uma das secções de maior responsabilidade e de que com certeza apresenta menores dificuldades de administração. Até hoje a maior accusação que temos ouvido levantar contra o Dr. Aguiar Moreira é a de severidade. Mas isso não nos parece que, administrativamente, possa ser considerado um defeito.

Ao contrario a severidade é indispensável na direcção de uma secção como a do trafego da Central, que comprehende muitas centenas de empregados, todos em lugares de responsabilidade, todos em relações, directas com o publico; uma secção que responde pela segurança de vida, commodidade e bons dotes dos passageiros, e que representa todo o movimento, toda a vida da estrada.

Mais ainda esta severidade tem sido preciosa em situações, como na epocha em que os descarrillamentos e os atrazos fizeram parte do programma daquella via férrea.

Alli e em varias outras occasões o Dr. Aguiar Moreira, foi um auxiliar precioso, pe'a sua dedicação, coragem e amor ao trabalho, mantendo-se no seu posto dias e noites inteiros, estabelecendo e sustentando com a sua energia, competencia e actividade a regularidade do tráfico.

E' muito razavel que um funcionario demittido, apoz muitos annos de bons serviços, peça uma explicação do acto que o destituiu de um cargo e tambem o publico tem o direito de conhecer os bastidores de casa.

CHICO ARANHA.

ECHOS

D'esta vez não ha echos o que ha são boatos, de todos os tamanhos, esvoaçando como um bando de mosquitos zumbidores em torno de nossas cabeças.

E vem todos os consta, todos os «diz-se que» os «parece» os «é provavel» da bella

capital paulista da terra do café e do general Glycerio, que depois de produzir superabundancia do precioso grão deu para produzir lá do ponto de nuvens das candidaturas que se vai envolumando um horizonte bejada de surpreza.

Quando ha quem se inquiete com este phenomeno metereologico, e preveja perigo mas os entendidos já sabem e dizem aos ingenuos generosamente, apagando os sustos e acalmando os sobresaltos das almas sentimentaes, que não ha nada.

Segundos os noticiarios sobranceiros e calmos, d'esses que percebem d'essas complicações, não ha perigos, a nuvem que vimos crescendo no zenith avolumando-se ganhando espaço e se apoderando de todas as nossas imaginações lançará faiscas inoffensiveis, não produzirá desastres e apenas um lindo fogo de artificio em que os coriscos serão foguetes e os trovões salvas festivas de artilharia.

E' assim como quem diz: «não ha nuvem.»

Ainda bem.

O Sr. Bernardino de Campos será o presidente de S. Paulo isto sempre segundo os «diz-se que» os «consta» e os «parece» mais autorisados.

Quanto a suprema presidencia, a ocupação da Casa cor de Rosa (como isto é chic!) ainda ha duvidas. Os oraculos, os pagés da alta politica guardam uma direcção superior e deixam ás conjecturas terreno livre e largo como o infinito.

O deputado X, é um poço, o senador B é um bahú, o general Y é um tumulo, são todos outros tantos sphinges, outras tantas caixinhas dos trez desejos.

Mas o que desde já se garante é que a luta será incruenta e a passagem da presidencia será correcta e aristocrata *comme il faut* entre gente *comme il faut*. *Après vous monsi ur le comte.*

Sans façon.

Como tudo isso é bonito; o idioma da diplomacia é de Luiz XV até nos vem a penna insensivelmente.

Nota musical

O inspirado Francisco Braga, o nosso mestre já illustre, que todos os profissionaes respeitam e todos os *dilettantes* admiram, teve infelizmente uma triste impressão domingo ultimo com o seu concerto no theatro S. Pedro.

O publico era reduzidissimo; só raros apreciadores da elite compareceram, não

esquecendo de amparar e fazer justiça a uma verdadeira e alta manifestação artística, a um moço que pôde cobrir de glória o nome do Brasil no mundo inteiro.

Entretanto o programma devia ter atraído toda a população do Rio de Janeiro, que goza de tão elevada fama, como apreciadora e entendida em matéria musical.

Começando pela ouverture do *Navio Fanasma*, de Wagner, executada superiormente, deu-nos a symphonia em dó maior *Jupiter*, do sublime Mozart, em que o *alegro vivace*, interpretado com raro talento de regente pelo Braga provocou entusiasmo delirante e o *andante conabile* foi um primor de delicadeza, com as suas nuances e bellezas finíssimas, terminando pelos accordes vibrantes, divinos que foram afogados em aplausos.

O concerto em ré menor, também de Mozart, teve interpretação esplendida por parte da senhorita Monteiro de Barros e da orchestra.

E mais o poema symphonico *Marabá*, de Francisco Braga, o *Minuetto de Musette*, de Veslerouth, o entreito da *Gal an Aventura*, de Guiraud e o hymno de *Santa Celia*, de Gounod.

Tudo magnifico, excepto o público.

Amanhã o corajoso e illustre maestro dá novo concerto.

No proximo numero daremos uma chronica de Paulo Barreto.

THEATROS

SYMPHONIA

Rei morto, rei posto.

Partiu a companhia Christiano e no mesmo dia, chegou a companhia Souza Bastos.

Após a Lucilia, a Palmyra, a adoração do publico não fica desocupada nem o templo vazio.

Para isso a Empreza Theatral ahi está. E' uma companhia após a outra sem interrupção nem descanso.

Ainda bem.

O Christiano já foi para a capital paulista ainda commovido com o exito da *Blanchette* a colher novos louros com o *Castello Historico*, os *Mercenarios* a *Toga Vermelha* e outras novidades que nos será dado apreciar em Setembro, proximo. Entretanto, enquanto Christiano, Lucilia, Chaby, Mattos, Campos e Rangel vão deliciar o publico da paulicéa, aproveitando o tempo para estudar peças novas, cá temos, a Palmyra, o Alfredo de Carvalho, o Gomes, a Elvira Mendes, a Carlota Lucey, a Isabel Marques, o Correia e o Sá, que trazem repertorio prompto, muitas novidades já estudadas e outras para estudar aqui.

Trazem com que sustentar uma temporada de quatro meses, sem cansar as peças e dando spectaculos variados, com comedias, *vandevilles*, operetas, operas comicas, revistas e magicas.

Depois, quando estes se forem, voltarão os outros.

Rejubilemos, esperando ter theatro, permanente durante alguns mezes a seguir.

Isso anda tão raro.

A estréa da companhia Souza Bastos, como era de esperar, teve brilhantismo e animação encantadora. O *Apollo* encheu-se de publico escolhido. E' o caso de dizer: muita gente e boa gente.

A Sra. Palmyra recebida com aplausos estrondosos, foi victoriada durante toda a noite e até recebeu uma manifestação original, graciosa.

Quando os actores Corrêa e Amaral cantavam as coplas em que chamam sublime a *boneca*, duas encantadoras crianças fizeram coro da platéa, repetindo:

— Ella sublime, sublime!

Parabens.

O estimado emprezario tambem foi chamado à scena e insistentemente. A peça não é original nem traducção d'elle; a encenação já era conhecida e não se tratava de sua festa artistica. Chamaram-no portanto ao palco no caracter exclusivamente de emprezario.

Foi portanto uma manifestação de sympathy; essas chamadas querem dizer: venha cá fallar com nosco, que temos muito prazer em tornar a vel-o e em receber a sua Companhia no Rio de Janeiro.

E não tem razão o publico?

Eu por mim confesso pensar e sentir como elle. As companhias que Souza Bastos nos tem trazido têm todas deixado excellentes recordações, fazendo jus à sympathy que ganharam.

Não se tem contentado em nos oferecer muitas novidades, além de reeditar as peças antigas de maior exito.

Tem nos dado algumas peças deliciosas, como ainda ha dous annos nos deu o *João Darlot*, a *Aposta* e outras, apresentando-nos o talento da Sra. Palmyra Bastos sobre uma feição que não lhe conhecemos e com um valor immenso.

Essa mesma *Boneca*, que ouvimos quarta-feira, a *Falote*, os *Filhos do Capitão Mór* foram as principaes novidades da ultima temporada.

Agora annunciam *Os trabalhos de Hercules*, *O noivado de Muluchet*, a *Viagem à Turquia* e outras novidades.

Venham elas, cá estamos nós para applaudil-as.

No *Recreio, chomage* absoluto.

Julgamos, apoz o exito dos *Sinos de Corneville*, levado pela Companhia para a festa artistica da actriz cantora Medina de Souza, um spectaculo que apresentou um elenco harmonico muito acceptável, que a companhia seguisse por esse caminho...

Fallava-se já de uma reprise do *Surcouf*, que poderia dar muito bom resultado.

Mas assim não foi ou a empreza não quiz ou não pôde, parece-nos que não quiz, abraçar este genero e aproveitar o concurso artistico das Sras. Medina e Blanche Grau, do Colás, do Barbosa, do nosso querido Peixoto.

Preferio arranjar-se com a Sra. Maria

del Carmen e o ineffavel Sr. Soares de Medeiros.

Deu duas récitas em beneficio e para hoje annuncia o *Conde de Monte Christo*.

Emfim, gostos não se discutem, e o que é por elles regala a vida.

O Sr. Silva Pinto deve estar regalado.

Da companhia do *Lucinda* não houve noticias esta semana.

Estavam ensaiando o drama *A Filha do Mar* e ao que parece ia haver recomposição do elenco.

Afinal annunciaram para hoje a peça.

Os cafés concertos têm dado mais assunto aos chronistas. Essas graciosas casas de spectaculos fazem o possivel para prender o publico e manter a concorrência animada, variando os programmas e apresentando incessantemente artistas novos.

Nesse particular quem mais tem feito é o *Moulin Rouge*, que com o seu contracto de combinação com o *Casino* de Buenos-Aires tem trazido ao Rio de Janeiro muitas figuras interessantes; já nos deu o Fafordia, o Bergeret, a Kralik, os Forbes, os Arassos e outros artistas de valor.

Todas as semanas estréam novas figuras e cada vez mais se nota o cuidado na escolha dos contractos.

Esta semana nos apresentou a Signorina Camini, cançonetista com pouca voz porém disease agradável, os Hollens, acrobatas fantasistas interessantes, que representam pantomimas engracadas, Miss Ohm que traz uma collecção de cães fazendo habilidades curiosas e o domador Carl Ohm, com seus leões e ursos amestrados, que levaram hontem ao querido theatriinho da praça Tiradentes, concurrencia avultadissima.

Na Guarda Velha onde são applaudidas as Sras. De Verneuil, Placida, Darmontville, Iza Alvanne, Castellane e outras, estreou hontem a signorina Pieretta que agradou.

Segunda-feira reaparecerá a graciosa cantora D'Autriche e está em preparo na mesma casa de spectaculos a pantomima *Pierrot em Canudos*, em que tomarão parte 22 pessoas.

Julgamos que não serão todas ao mesmo tempo. Naquelle palco tão pequenino...

O *Cassino Nacional* perdeu a Sra. Inez Alvarez, que lá se foi cantar *La Luna* no velho mundo.

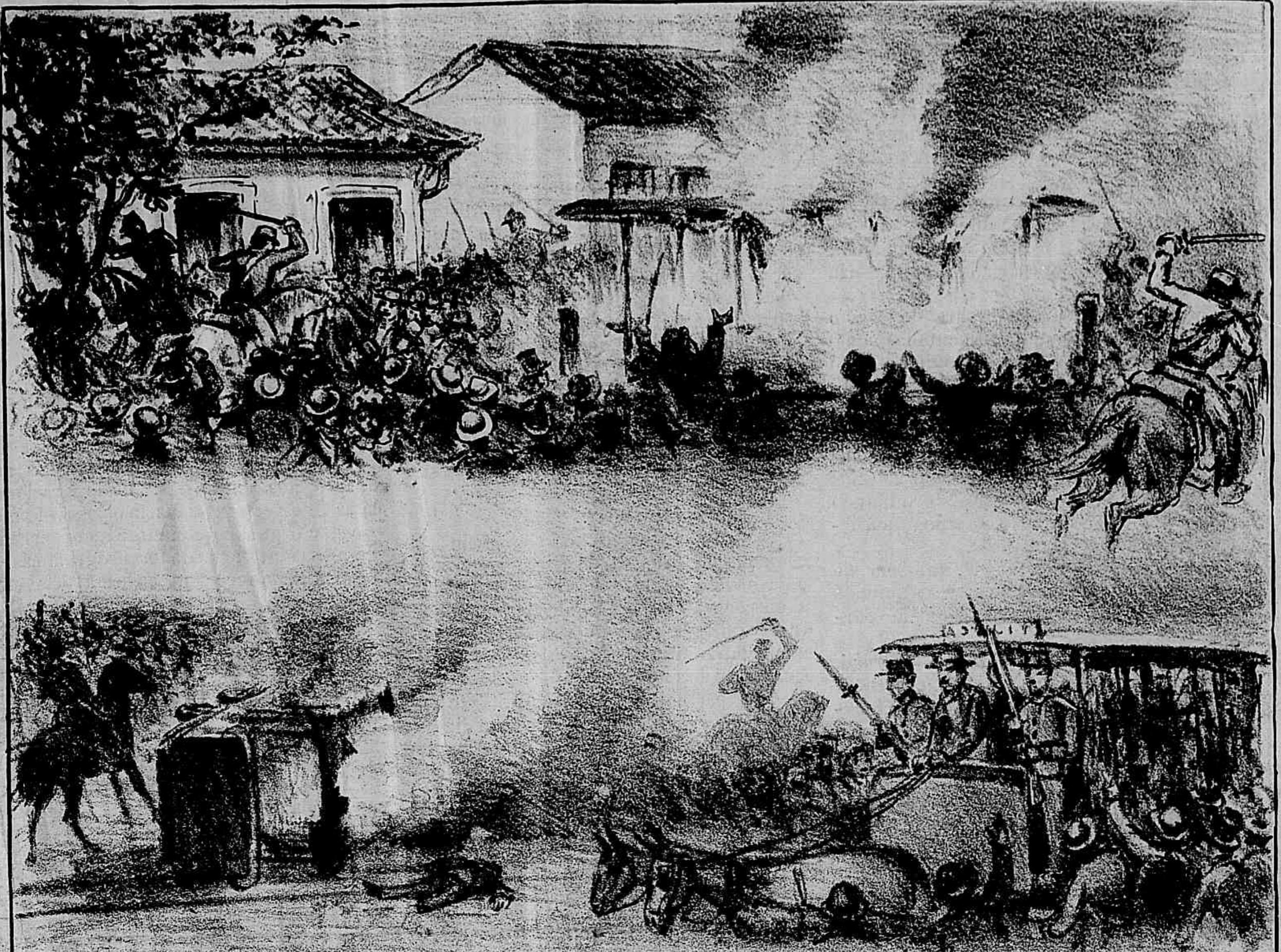
Prometeu voltar para continuar. Entretanto os programmas são preenchidos pela gentil Jeanne Cayot, Lea Dalty, os Ceccini, Carmencita, Olga, Monginette, o Lanzetta, Marinette, e os Keptons.

Hontem estreou Mlle. Issor e no proximo sabbado teremos os *clodoches*, quadrilha naturalista *commencement de siècle*.

A companhia Souza Bastos nos dará depois damanhã o saudoso *Giroflé-Girofle* e a seguir o testamento da velha.

EMILIO FOGUETE.

Semana cheia.



A polícia e o público nos bondes da S. Cristovão, por occasião do aumento de passagem. Afinal a companhia cedeu e tudo ficou em paz.



Corridas no Jockey-Club

Regatas em Botafogo.